

A entoação na ilha de São Miguel (Açores)

MARIA CLARA ROLÃO BERNARDO
Universidade dos Açores

1. Introdução

Este trabalho dá continuidade à investigação recentemente iniciada sobre a entoação em São Miguel, tendo em atenção a inexistência de estudos prosódicos sobre esta ilha e o interesse de que se reveste o seu desenvolvimento nos Açores, região autónoma onde se patenteia não só variação fonética e lexical, mas também prosódica, conforme ficou demonstrado em análise preliminar (Bernardo, 2005).

2. Metodologia

Atendendo ao enquadramento desta pesquisa no âmbito do AMPER (Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman), a metodologia adoptada, tanto no que se refere ao processo de recolha, como aos procedimentos de análise, está em conformidade com as directrizes traçadas pela coordenação geral do projecto (Contini et alii, 2003) e de acordo com as orientações preconizadas para o Português (Moutinho et alii, 2003).

As frases declarativas e interrogativas globais, que constituem objecto deste trabalho, foram produzidas por duas informantes: uma de 40 anos, natural e residente nos Arrifes, freguesia mais populosa dos Açores, situada junto a Ponta Delgada (costa Sul); a outra, com 25 anos, da Ribeira Grande, cidade localizada na costa Norte da ilha. A escolha das localidades fundamentou-se em recolhas efectuadas anteriormente para estudo do vocalismo (Bernardo, 1999).

A análise acústica incide sobre um conjunto de frases, nas modalidades já assinaladas, com a mesma estrutura de sintagma nominal, diferindo somente na extensão e estrutura do sintagma verbal, conforme se explicita:

- SV → [V+SP]
- SV → [V+SP[prep+SN[D+N+SAdj]]]
- SV → [V+SP[prep+SN[D+N+SP]]]

Pretendendo-se avaliar o papel desempenhado pela posição do acento lexical na configuração da curva melódica, foram escolhidas frases com diferente

terminação acentual (oxítone, paroxítone e proparoxítone), observáveis no Quadro 1.

	Frase com SV→[V+SP]	Frase com SV→ V+SP SP[prep+SN[D+N+SAdj]]	Frase com SV→ [V+SP[prep+SN[D+N+SP]]]
Acentuação oxítone	F.1 A música fala do capataz./?	F.4 A música fala do fadista popular./?	F.7 A música fala do fadista do Canadá./?
Acentuação paroxítone	F.2 A música fala do fadista./?	F.5 A música fala do fadista castiço./?	F.8 A música fala do fadista das Capelas./?
Acentuação proparoxítone	F.3 A música fala da música./?	F.6 A música fala do fadista típico./?	F.9 A música fala do fadista do México./?

Quadro 1 – Frases que constituem o *corpus*

Os parâmetros considerados foram os de frequência fundamental (F_0), duração (D) e intensidade (I).

3. Resultados da análise

3.1. A frequência fundamental

Uma análise global da evolução dos valores de F_0 nos enunciados produzidos pelas duas locutoras permitiu o estabelecimento de um conjunto de características comuns:

- contorno inicial ascendente até ao núcleo acentual do SN;
- pico máximo de F_0 situado, regra geral, na 2ª vogal;
- predominância de um terminal descendente;
- valores mais baixos de F_0 no último grupo tonal.

Contudo também se assinalam algumas diferenças que merecem ser ponderadas. Nas declarativas produzidas pela locutora da Ribeira Grande, o pico máximo de F_0 não ocorre no núcleo acentual do SN, como acontece com a informante dos Arrifes, mas na pós-tónica, seguindo-se a demarcação prosódica da fronteira deste constituinte através de um contorno descendente até à tónica do núcleo do SV.

Nas interrogativas com SV mais simples, as trajectórias de F_0 das duas informantes são distintas. Na locutora dos Arrifes evidenciam-se três unidades tonais, com final descendente. Na falante da Ribeira Grande, após o movimento ascendente, observa-se um contorno estacionário com frequência alta, em todas as frases, iniciando-se a descida em momentos diferentes: na oxítone, após a sétima vogal; na paroxítone, após a sexta

vogal; na proparoxítona, após a quinta vogal, sendo o terminal das três frases baixo estacionário.

As interrogativas com SAdj apresentam contorno entoacional distinto nas duas falantes. Na dos Arrifes evidencia-se um acentuado movimento descendente (na oxítona) após o pico máximo de F_0 , seguindo-se algumas oscilações deste parâmetro, com um contorno final descendente, que se inicia após a nona vogal. Na locutora da Ribeira Grande, após o pico máximo de F_0 , observa-se um contorno relativamente estacionário, iniciando-se também o movimento descendente após a nona vogal, mas distinguindo-se por um terminal descendente/ascendente, nas paroxítonas e proparoxítonas, ainda que o movimento ascendente não seja muito acentuado.

Nas interrogativas mais extensas (com SV mais complexo), com acento oxítono, enquanto na informante dos Arrifes se observa uma descida acentuada da 3^a para a 5^a vogal, seguindo-se uma ligeira elevação de F_0 na 6^a vogal, com manutenção da trajectória descendente iniciada após a 10^a vogal, na falante da Ribeira Grande, após o pico máximo de F_0 na 4^a vogal, segue-se um movimento relativamente estacionário, ligeiramente descendente, sendo marcadamente descendente após a 10^a vogal, mas com terminal estacionário. As paroxítonas e proparoxítonas das duas locutoras apresentam um contorno final semelhante –descendente/ascendente–, no entanto o movimento descendente inicia-se em sílabas distintas na locutora da Ribeira Grande, observando-se a descida mais acentuada a seguir à 9^a vogal, na proparoxítona, e após a 11^a na paroxítona.

As estratégias de diferenciação das duas modalidades (declarativa e interrogativa) são distintas, nas duas locutoras, conforme se visualiza nas figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, que contêm à esquerda os gráficos respeitantes à falante dos Arrifes e, à direita, os da ribeiragrandense.

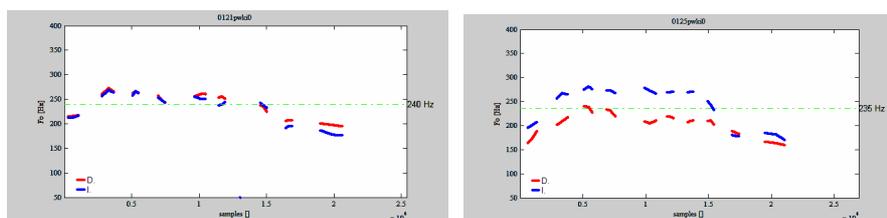


Fig. 1 A música fala do capataz./?

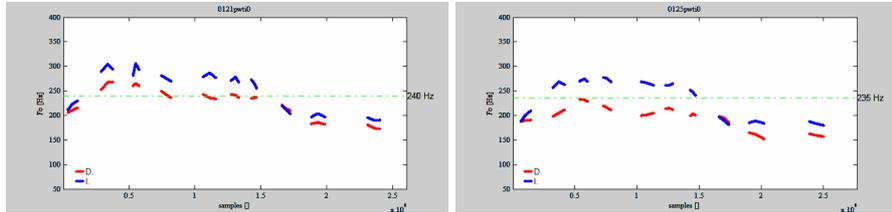


Fig. 2 A música fala do fadista./?

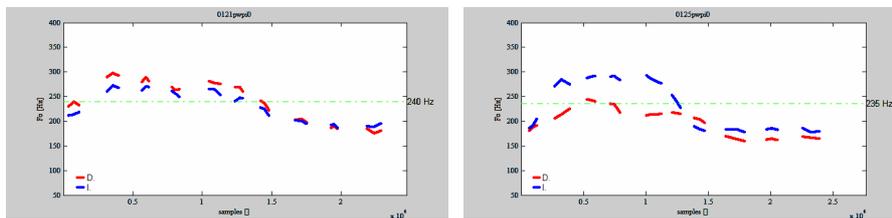


Fig. 3. A música fala da música./?

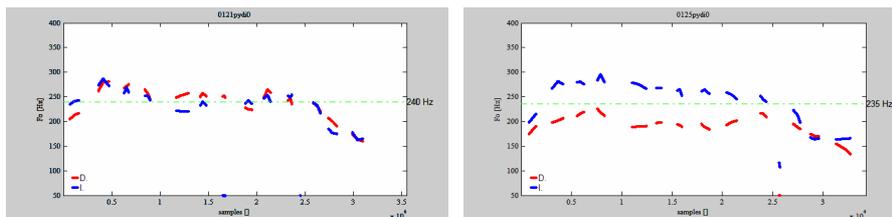


Fig. 4. A música fala do fadista do Canadá./?

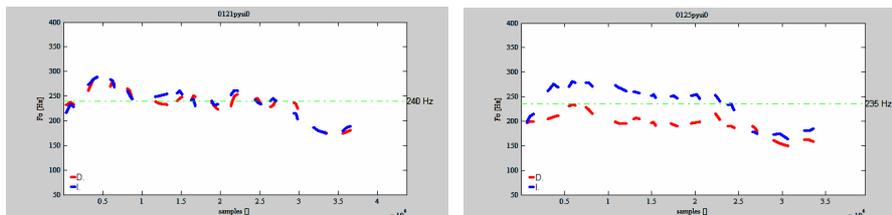


Fig. 5. A música fala do fadista das Capelas./?

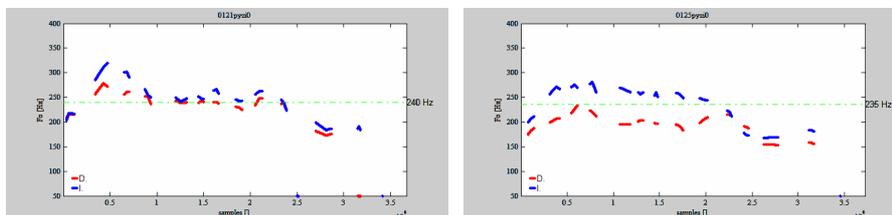


Fig. 6. A música fala do fadista do México./?

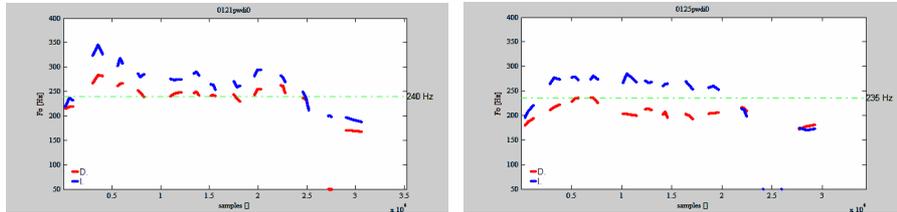


Fig. 7. A música fala do fadista popular./?

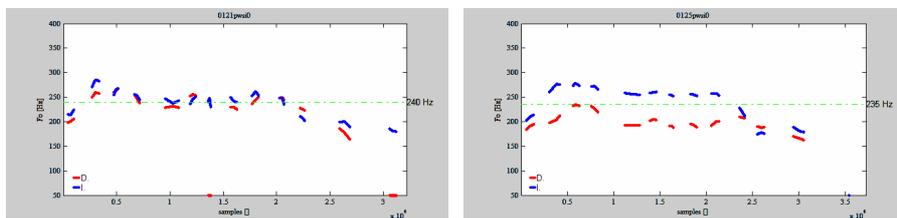


Fig. 8. A música fala do fadista castiço./?

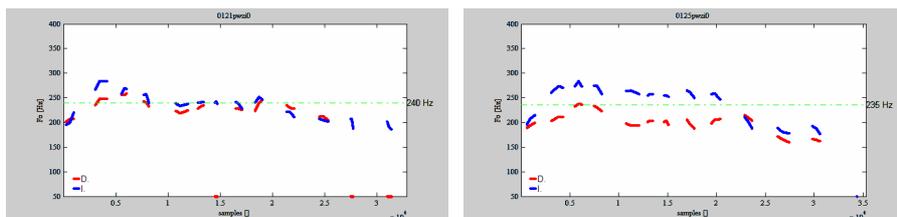


Fig. 9. A música fala do fadista típico./?

Nestes gráficos que representam a evolução dos valores de F_0 , obtidos com base nas médias de três realizações de cada frase, evidencia-se a clara diferenciação entre as duas modalidades, na locutora da Ribeira Grande, pela utilização, nas interrogativas, de frequências mais elevadas do que nas declarativas, nos dois primeiros grupos tonais, observando-se diferenças que chegam a atingir valores superiores a 50 Hz. O mesmo não ocorre nos enunciados da locutora dos Arrifes, chegando a verificar-se sobreposição dos valores da frequência fundamental (fig, 1, 3, 4, 5, 8, 9) e concomitantemente da curva melódica.

3.2. Duração

Os valores médios da duração das vogais, nas duas modalidades enunciativas constam dos quadros 2 e 3.

Ox.	F1	57	53	36	38	54	33	29	31	29	91				
	F4	53	67	37	44	87	38	29	47	63	29	34	0	98	
	F7	52	73	36	45	88	39	28	49	65	34	0	47	55	67
Par.	F2	50	61	37	48	67	36	24	44	67	66				
	F5	40	57	34	41	98	40	15	41	54	32	37	57	0	
	F8	56	77	40	44	99	46	30	54	70	49	47	35	98	59
Prop.	F3	47	71	34	45	67	37	45	75	43	75				
	F6	46	83	38	42	81	37	15	44	58	51	63	23	0	
	F9	47	79	34	44	72	36	25	46	55	33	14	101	17	0

Quadro 2. Média da duração das vogais das declarativas, nas duas locutoras

Ox.	F1	38	55	33	38	57	31	13	30	36	110				
	F4	49	56	35	40	68	33	29	38	44	30	22	24	101	
	F7	50	67	37	35	82	37	17	43	43	31	0	43	53	87
Par.	F2	47	55	36	42	58	39	31	48	79	65				
	F5	45	59	35	36	84	35	29	39	40	31	38	74	40	
	F8	56	70	37	42	78	38	32	42	45	33	38	31	103	62
Prop.	F3	40	60	36	40	61	41	48	72	44	73				
	F6	52	64	37	41	78	31	29	42	42	43	66	44	27	
	F9	52	73	41	41	77	36	30	46	47	34	18	99	39	0

Quadro 3. Média da duração das vogais das interrogativas, nas duas locutoras

Neles se evidencia a correlação que se pode estabelecer entre este parâmetro prosódico e o acento lexical, atendendo a que as sílabas acentuadas (assinaladas a negrito) são as que apresentam, regra geral, maior duração, salvo raras exceções, sendo esta característica comum às duas locutoras. Não se observam correspondências sistemáticas entre aumentos de duração e a elevação dos valores da frequência fundamental. Apenas na sílaba tónica do SN, quando o pico acentual coincide com o pico tonal.

Enquanto que na evolução da curva de F_0 se verifica um progressivo rebaixamento até ao último grupo tonal, onde se assinalam os valores mais baixos deste parâmetro, as sílabas com maior duração são, quase sempre, as tónicas deste mesmo grupo, exceptuando-se apenas algumas paroxítonas e proparoxítonas que têm como vogal nuclear [i]. Esta ocorrência de maior duração no núcleo do último grupo tonal é geral nas oxítonas e observa-se globalmente em 63,9% dos casos (70,7% na locutora da Ribeira Grande e 61,1% na dos Arrifes).

Já em estudo anterior havia sido assinalada a importância deste parâmetro para a marcação do acento lexical, no dialecto micalense (Bernardo, 1999), salientando-se que a distinção entre vogais acentuadas e não acentuadas se demarca, em São Miguel, sobretudo através da duração e, muito raramente, com base na associação desta à frequência fundamental, como se assinala nas variedades do Português falado no continente (Delgado Martins, 1982; Moutinho, 2005).

3.3. Intensidade

Os valores médios da energia não evidenciam grandes diferenças entre as duas locutoras, já que as vogais com maior intensidade, são, quase sempre, as que têm maior duração. Por outro lado, os valores mais baixos de energia ocorrem em sílabas não acentuadas (e.g. “do” em todas as frases nas duas falantes, e pós-tónica de “fala” na dos Arrifes), havendo a sublinhar a elisão das vogais finais nas sílabas pós-tónicas em “castiço” e “típico”, bem como das pré-tónicas em “popular”, nas duas locutoras. A par destas características comuns observam-se algumas variações. Se, na locutora dos Arrifes, se verifica aumento de energia na sílaba acentuada do sintagma nominal, o mesmo não acontece nas frases produzidas pela locutora da Ribeira Grande, onde se registam, por vezes, aumentos de energia em sílabas pré-tónicas e pós-tónicas (e.g. no determinante inicial da frase e na sílaba final de “música”).

Não se observam alterações sistemáticas da intensidade correlacionáveis com o contorno entoacional das frases consideradas.

3.4. Testes de discriminação

Sendo necessário avaliar até que ponto as diferentes trajectórias de F_0 associadas às melodias das duas modalidades são correctamente identificadas, elaboraram-se dois testes de discriminação perceptiva, com a mesma metodologia, as mesmas frases, os mesmos destinatários, apenas diferindo as locutoras que as produziram: no primeiro foram seleccionados enunciados da informante dos Arrifes, no segundo predominaram os da locutora ribeiragrandense.

Os testes efectuaram-se na Universidade dos Açores, em ambiente satisfatoriamente limpo de ruídos, com a colaboração de vinte alunos do Curso de Licenciatura em Comunicação Social e Cultura, com idades compreendidas entre os 18 e os 48 anos. Os estímulos utilizados constaram de ficheiros de som sintetizado, correspondentes a vinte frases nas duas

modalidades, sendo 10 declarativas e 10 interrogativas globais, apresentadas numa ordem aleatória, não tendo os inquiridos acesso ao seu conteúdo lexical.

Na análise dos resultados foram separados dois grupos: um constituído por 17 falantes naturais de São Miguel, o outro composto por 3 falantes de outras ilhas.

No primeiro teste, os micalenses identificaram com êxito 69,3% dos estímulos, enquanto que os outros, menos familiarizados com o padrão entoacional de interrogativa com terminal descendente, apenas discriminaram correctamente 52,6%. No segundo teste obtiveram-se respostas mais satisfatórias, já que 76,9% dos enunciados foram identificados com sucesso pelos naturais de São Miguel, e 60% pelos oriundos das outras ilhas.

Estes resultados não são surpreendentes, considerando o semelhante padrão entoacional das frases declarativas e interrogativas produzidas pela locutora dos Arrifes, conforme se constata nos gráficos apresentados, a natureza dos estímulos constituídos por som sintetizado, a ausência de contexto, e a própria variação prosódica observada no arquipélago.

4. Conclusão

Pelo exposto se infere a importância de F_0 para a discriminação perceptiva das modalidades declarativa e interrogativa global, apesar de se constatar, em algumas frases da locutora dos Arrifes, uma sobreposição de valores nas duas modalidades. Salienta-se também a pertinência deste parâmetro prosódico para a diferenciação dialectal, ainda que não tenha ficado inteiramente esclarecido se todas as variações assinaladas são de natureza diatópica. Importa complementar esta pesquisa com novos dados, recolhidos a partir de outros informantes, de voz feminina e masculina, que permitam o estabelecimento de padrões entoacionais, com base numa amostra mais alargada.

5. Bibliografia

- BERNARDO, Maria Clara R. (1999). *Aspectos da Variação Fonética no Vocalismo Micaelense*, dissertação de doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade dos Açores.
- BERNARDO, Maria Clara R. (2005). “Estudo preliminar da variação prosódica nos Açores”, in *Géolinguistique*, hors série nº3, Université Stendhal – Grenoble 3, pp.177-183.

- CONTINI, Michel, LAI, J. P., ROMANO, A., ROULLET, S. (2003). “Vers un atlas prosodique parlant des variétés romanes”, in J.-C. Bouvier et al. (eds.): *Mélanges offerts à X. Ravier*, CNRS – Univ. de Toulouse – Le Mirail, 1998, pp. 73-84.
- DELGADO MARTINS, Maria Raquel (1982). *Aspects de l’accent en portugais*, Hamburg : Buske.
- DELGADO MARTINS, Maria Raquel (1982). *Sept Etudes sur la Perception*, Thèse de Doctorat d’État, Université de Strasbourg.
- MOUTINHO, Lurdes C., COIMBRA, R. L. (2000). “Para a construção de um atlas prosódico multimédia das variedades românicas”, in *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, 17, pp.111-118.
- MOUTINHO, Lurdes C., COIMBRA, R. L., TEIXEIRA, A. & PEREIRA, M. (2005). “Variação entoacional em três áreas dialectais de Portugal Continental”, in LAI, Jean-Pierre (ed.), *Project AMPER Atlas multimédia prosodique de l’Espace roman - Géolinguistique*, Hors série n.º 3, pp. 19-37.